

A voz dos estudantes

Alunos do ensino médio debatem no Museu do Amanhã como ditar os rumos da aprendizagem

BRUNO ALFANO

bruno.alfano@extra.inf.br

PAULA FERREIRA

paula.ferreira@infoglobo.com.br

Jovens de todo o Brasil tomaram a palavra ontem para discutir o que e como querem aprender, no evento Educação 360 Jovem, no Museu do Amanhã. Ao lado de especialistas no tema, alunos do ensino médio debateram tópicos como currículo

escolar, metodologias e formas de participação estudantil (leia abaixo). Em comum, ressaltaram a importância de novos modelos que possibilitem o protagonismo do aluno.

Na abertura do evento, sobre o ensino médio, jovens de São Paulo, Bahia e Alagoas defenderam uma escola mais próxima do cotidiano.

— Com algo mais dinâmico e direto, vamos nos interessar. Uma pessoa não precisa amar matemática para contar dinheiro. Basta o pro-

fessor inserir o conteúdo no nosso dia a dia — argumentou Carlos Eduardo dos Santos Silva, que está no primeiro ano do ensino médio.

O escritor Marcelo Rubens Paiva, que mediou o debate, ressaltou a necessidade de reformar a educação para aproximá-la das expectativas dos jovens, enquanto o diretor de operações do Sesi Nacional, Paulo Mól, defendeu uma formação que desenvolva habilidades.

— Atualmente, o objetivo do ensino médio no

Brasil é colocar o aluno na universidade, mas um número superior a 80% deles não vai para o ensino superior. Essa etapa tem que formar o aluno para que ele possa ser o que quiser ser.

O Encontro 360 Jovem é uma realização O GLOBO e Extra, com patrocínio master de Sesi, patrocínio de Fundação Telefônica e colégio pH, e apoio de TV Globo, Futura, Unesco, Unicef, Instituto Inspirare, Uber e Companhia das Letras. ●



“Com algo mais dinâmico e direto, vamos nos interessar. Basta o professor inserir o conteúdo no nosso dia a dia”

Carlos Eduardo dos Santos

Abertura: 'Panorama do ensino médio no Brasil e no mundo'



“Precisamos ser formados não para fazer prova e trabalhar, mas para participar da sociedade”

Eduarda Pessotti da Silva

No painel 'O que os jovens querem aprender'



“Tenho cinco aulas de física e uma de artes. Isso diz para a gente que a cultura não é tão importante”

Bárbara Souza Faria Correa

No painel 'O que os jovens querem aprender'



“Hoje não nos perguntam o que queremos aprender. Apenas nos dão uma questão de múltipla escolha”

Gianluca Vilela Piccin
No painel 'O que os jovens querem aprender'



“A educação tem que ser feita com os estudantes e não para os estudantes. É só na luta que se conquista”

Ana Clara Cabral Nunes
No painel 'Participação dos estudantes'



“Se os jovens não se virem representados, não vão querer ficar na escola. O jovem quer entender quem ele é”

Aniele da Silva
No painel 'Juventudes pela educação'

O DESEJO DOS JOVENS

Os alunos querem ser mais ouvidos pelas escolas. Essa foi a tônica do painel “O que os jovens querem aprender”, mediado pela jornalista Brenda Fucuta e comentado pelo chefe de educação do Unicef, Ítalo Dutra, que ressaltou a dificuldade de sistematizar essa escuta.

— Hoje não nos perguntam o que queremos aprender. Apenas nos dão uma questão de múltipla escolha — disse Gianluca Vilela Piccin, de 15 anos, de Santos.

Ele e outros dois jovens apontaram falhas na escola para ensinar os alunos a lidar com emoções e defenderam que eles decidam a carga horária das disciplinas.

— Tenho cinco aulas de física e uma de artes. Isso diz para a gente que a cultura não é tão importante. Queria entender também de política para ser mais crítica — disse Bárbara Souza Faria Correa, de 15 anos, de Goiânia.

Para Eduarda Pessotti da Silva, de 16 anos, que estuda no Rio, faltam debates sobre diversidade de raça, gênero e orientação sexual:

— Precisamos ser formados não para fazer prova e trabalhar, mas para participar da sociedade.

FORMAS DE APRENDER

Rafaela Obrownick Lopes, de 16 anos, considera cruel que exista uma única metodologia para 40 estudantes em sala de aula. Ela e os outros participantes da mesa “Como os jovens querem aprender” — mediado pela jornalista e gestora de globalização do Instituto Inspirare, Tatiana Klix — consideram que as formas de aprendizagem podem ser alteradas mesmo quando os recursos são escassos.

— Há alunos que aprendem mais com livros, filmes ou botando a mão na massa — disse Rafaela, que estuda em Campinas.

Docente premiado de um colégio público, Jayse Ferreira criou métodos distintos para estudantes de Itambé, em Pernambuco.

— Cada escola tem sua realidade e suas dificuldades. O professor tem que observar como pode dar a melhor aula com os recursos que tem. Ferreira e Felipe Morgado, gerente-executivo de Educação Profissional e Tecnológica do Senai Nacional, ressaltaram a importância de os estudantes protagonizarem esse processo. Já Fabio Zsigmond, diretor do projeto Âncora, contou que a escola aboliu o formato tradicional de aulas.

PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS

Nos últimos anos, as ocupações em escolas do país têm dado o recado dos jovens: eles querem participar. No entanto, o protagonismo dos estudantes não é realidade na maioria das escolas.

— A educação tem que ser feita com os estudantes e não para os estudantes. É só na luta que se conquista — defendeu Ana Clara Cabral Nunes, de 15 anos, uma das ocupantes do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, em 2016, durante o painel “Participação dos estudantes”.

Alysson Rocha, de Realengo, ressaltou as dificuldades em áreas periféricas:

— Para vir de Bangu até aqui demorei duas horas, boa parte do trajeto em uma condução lotada. Como preparar um estudante para estar engajado na educação, especialmente os que sofrem tanto só para chegar à escola?

Diretora da Escola Municipal Rio de Janeiro, na favela do Jacaré, Flávia Rezek contou que em sua sala há uma placa “Entre sem bater”. A cooperação com os alunos contribui para que a escola seja uma das 15 com melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do município, apesar de estar em região violenta.

PROPOSTAS EM DOCUMENTO

Os institutos Inspirare e Unibanco e o Movimento Todos Pela Educação lançaram documento com propostas para fortalecer a participação dos jovens em prol da melhoria do ensino, elaborado após dois meses de encontros com mais de 60 estudantes. O “Juventudes pela educação” propõe iniciativas como a parceria entre alunos e professores, sugere formas de aprendizado não tradicionais como as rodas de conversa e reúne guias de como, por exemplo, montar um grêmio escolar.

Aniele da Silva, de 20 anos, fez parte da criação do documento e disse que um dos princípios mais importantes é o de “reconhecimento das singularidades e inclusão das diversas juventudes”:

— Se os jovens não se virem representados, não vão querer ficar na escola. O jovem quer entender quem ele é.

Anna Penido, do Instituto Inspirare, lembrou que a participação dentro da escola é a primeira da vida cidadã. Já Carolina Fernandes, do Movimento Todos pela Educação, afirmou que o trabalho agora é fazer com o documento circule o máximo possível, sendo distribuído a professores e a instituições que trabalham com a juventude.



FOTOS DE MARCELO DE JESUS

Novos modelos. O escritor Marcelo Rubens Paiva, o diretor de operações do Sesi Nacional, Paulo MGI, e os estudantes Carlos Eduardo Santos, Tamires de Jesus Costa e Marcos Vinícius Oliveira defenderam um ensino próximo do cotidiano